

Racionalidade, corpo e sofrimento: contribuições da *Escola de Frankfurt* para (re)pensar o corpo na história

Erica Cristina Almeida

Resumo

O trabalho tem por objetivo abordar algumas contribuições de autores clássicos da Escola de Frankfurt, principalmente Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, para discutirmos as seguintes questões: 1) o corpo, antes de se constituir receptáculo no qual as ingerências da racionalidade recaem, já é parte imprescindível e atravessa todo o processo de formação da racionalidade e da subjetividade; 2) os modos de educar/exercitar o corpo (e suas pedagogias) não apenas sofrem influência da racionalidade humana, das maneiras com que os sujeitos elaboram seus conhecimentos para suprirem suas necessidades mas configuram histórico-socialmente as formas de se lidar com o corpo que constroem e reforçam certos tipos de subjetividade dignas ou prejudicadas.

Palavras-chave: Adorno, Theodor W., 1903-1960 - Crítica e interpretação; Corpo humano - Aspectos sociais; Frankfurt, Escola de; Sofrimento; Horkheimer, Max, 1895-1973 - Crítica e interpretação

Professora da Faculdade de Americana - FAM, Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal - CREUPI e Universidade de Santo Amaro - UNISA. Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP.

1 Introdução

Corpo e construção histórica da humanidade

As múltiplas faces das dobras visíveis do tempo são reveladas materialmente na arquitetura, no urbanismo, nos utensílios, no maquinário, na alimentação, no vestuário, nos objetos, mas, sobretudo, no corpo. Ele é inscrição que se move e cada gesto aprendido e internalizado revela trechos da história da sociedade a que pertence. (...) [o corpo] é sempre submetido a normas que o transformam, assim, em texto a ser lido, em quadro vivo que revela regras e costumes engendrados por uma ordem social. (SOARES, 2001, p. 109).

Falar do homem é falar de seu corpo. Mesmo que não aprofundemos as reflexões sobre este último, é unilateral, e até mesmo injusto, pensar a humanidade sem ter em vista os momentos e atitudes somáticas dos sujeitos no decorrer da história e a relação estabelecida entre o corpo e as normas e valores sociais. Pois o corpo, em sua idiosincrasia, ao navegar por tempos e lugares diferentes, passa a representar não apenas aquilo que se revela biológico no homem, mas paixões, sensibilidades, saberes, juízos, marcas, recalques, trejeitos culturais, liberdades, imposições etc. Ao "dançar" aqui e acolá, o corpo é "esculpido" pelas tensões históricas em conjunto com as racionalidades construídas, desde os aspectos mais delicados e humanos até aqueles de mais puro horror e brutalidade. O que foi o nazismo de Hitler, senão também um momento de padronização dos corpos na perspectiva de uma visão eugênica e, sobretudo, de uma subjetividade doentia? O que foi, senão também uma forma de se lidar com o corpo (próprio e alheio) desprovida de reflexão crítica e ética?

Levando em conta as pegadas que o homem vai deixando no corpo através de suas imensas e diversas manifestações culturais e das interações que estabelece com a natureza, podemos refletir sobre um momento específico da história a partir dos modos como os indivíduos tratam seus e outros corpos, modos estes que acabam, de certa maneira, forjando um determinado tipo de indivíduo, um determinado tipo de estrutura social.

Nesse viés de análise, observamos alguns estudos importantes na área da Educação Física brasileira, dentre eles, os esforços teóricos de Silva (1999a, 1999b, 2001), que apresentam a construção de um *inter-*

se pelo corpo na modernidade, sendo este produto de normas e valores ocidentais que determinaram a construção da racionalidade moderna. Em seus estudos, a autora toma o fenômeno “corpo” como parte constituinte da diversidade cultural e elemento significativo da natureza e desvela uma determinada *noção de corpo* produzida, manipulada e disseminada pela racionalidade científica vigente, em geral, e pelas representações e expectativas da ciência biomédica, em particular. Por sua vez, as ingerências científico-rationais se unem a forças econômicas e passam a determinar os caminhos a serem percorridos pelo corpo, transubstanciando-o naquilo que ele não é: um corpo unicamente biológico, tecnológico, mecânico, restrito.

Também os estudos realizados e organizados por Soares (1999, 2000, 2001) apontam vários aspectos reveladores da relação entre o momento corpóreo e a construção da história. Um deles é a forja de determinada educação do corpo – a construção de variadas pedagogias destinadas a ele – a partir da influência dos conhecimentos e modelos científicos vigentes em cada momento histórico. Em decorrência deste primeiro aspecto, a autora aponta a presença da negação de certas formas de movimento e culturas corporais e a conseqüente imposição, mesmo que inconsciente, de outras, restringindo de maneira bruta as experiências formativas vivenciadas pelos indivíduos. Seu estudo sobre *as imagens da educação no corpo* ressalta, dentre outras questões, um exemplo paradigmático das considerações acima: a negação das atividades corporais realizadas por artistas de rua, acrobatas circenses, funâmbulos e demais expressões dos espetáculos populares no século XIX – pois se revestiam de um caráter lúdico, livre, espontâneo, invertendo muitas vezes a ordem vigente – em detrimento da veiculação quase que exclusiva da vertente da “ginástica francesa oficial” concatenada com o pensamento médico-científico da época, com a razão instrumental, com um tecnicismo exacerbado, como uma rigidez desprovida de sentimentos, com concepções de saúde restritas e uma visão funcionalista do corpo.

Ainda podemos citar os estudos históricos de Sant’anna (1999), que revelam certas políticas do e para o corpo, políticas essas que o constrói *sem ética* e o subjugam a uma lógica instrumental, o manipula *sem razão e sem perdão*, comercializado-o e reconstruindo-o, quase que exclusivamente, em favor das necessidades do mercado global.

Esses aspectos apontados são valiosos para uma reflexão profunda das ingerências da história sobre o fenômeno "corpo" e vice e versa. No entanto, possuímos duas dúvidas principais que se colocam como aspecto complementar aos estudos mencionados:

- a) o corpo, antes de se constituir *receptáculo* onde as ingerências da racionalidade recaem, já não faz parte imprescindível e atravessa todo o processo de formação da racionalidade, dos sujeitos? e
- b) os modos de educar/exercitar o corpo (as pedagogias ligadas a ele) *apenas sofrem influência da racionalidade* humana, das maneiras com que os sujeitos elaboram seus conhecimentos para suprirem suas necessidades ou, na história, a configuração social destas formas de se lidar com o corpo – ora uma, ora outra – passam também a *construir e reforçar certos tipos de subjetividade* – dignas ou prejudicadas?

A partir destas indagações pretendemos apontar algumas contribuições das categorias e reflexões criadas e refletidas pelos autores clássicos da *Escola de Frankfurt* – em especial, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer – para (re)pensarmos os caminhos percorridos pelo corpo no decorrer da história, as maneiras como este foi/é tratado e manipulado e a relação com a produção de subjetividades danificadas e formações culturais empobrecidas e distorcidas.

O que nos impulsiona a pensar as relações que o corpo estabeleceu na história é a desconfiança acerca das verdades facilitadas, das certezas imediatas referentes às culturas corporais contemporâneas, em específico, aquelas no âmbito não formal da Educação Física brasileira, que se autodenominam legítimas para a “qualidade de vida”(?). Nesse sentido, traçamos um diálogo mais íntimo com textos de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer referentes à dialética do esclarecimento e seus “produtos”: cultura e formação cultural danificadas, em geral e, em particular, com estudos de Vaz (1999a, 1999b, 2000, 2001a, 2001b), que traçam reflexões profícuas e importantes na área da Educação/Educação Física brasileira no que diz respeito ao tema *corpo* e suas variações, principalmente ao caráter sacrificial que este carrega no processo de construção da subjetividade moderna. Por fim, à luz destas reflexões, procuramos incitar/iniciar discussões acerca da seguinte tese: as expressões atuais da cultura corporal são fenômenos

sociais integrantes e idiossincráticos de uma lógica irracional, antiética e incongruente presente na racionalidade moderna e se constituem como momentos de subjugação dos indivíduos àquilo que Adorno chamou de "o espírito manipulado do excluído".

2 A dialética do esclarecimento e seus produtos (parte I): cultura e formação cultural danificadas

A triste ciência, da qual ofereço algo a meu amigo, refere-se a um domínio que em tempos imemoriais era tido como próprio da Filosofia, mas que desde a transformação desta em método ficou à mercê da desatenção intelectual, da arbitrariedade sentenciosa, e, por fim, caiu em esquecimento: a doutrina da vida reta. Aquilo que "vida" significava outrora para os filósofos passou a fazer parte da esfera privada e, mais tarde ainda, da esfera do mero consumo, que o processo de produção material arrasta consigo como um apêndice sem autonomia e sem substância própria. Quem quer a verdade acerca da vida imediata tem que investigar sua configuração alienada, investigar os poderes objetivos que determinam a existência individual até o mais recôndito nela. O olhar lançado à vida transformou-se em ideologia, que tenta nos iludir escondendo o fato de que não há mais vida. (ADORNO, 1993, p. 7).

Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, ao escreverem uma das obras mais importantes para a compreensão da humanidade em sua versão moderna – a *Dialética do esclarecimento* –, observaram que a razão humana, ao combater o mito e dominar a natureza a seu favor, não produziu apenas benefícios ao homem, mas também foi e é produtora de uma vida indigna, de barbárie. Nesse caminho, o mito – que explicava o mundo de forma "irracional", mágica, baseado no *destino* e na *repetição* e em fatos sobrenaturais – foi combatido, mediante um árduo processo, pelo esclarecimento. No entanto, este último tornou-se tão mitológico quanto o primeiro quando assumiu aspectos de identidade, de repetição, de sacrifício e de incontestabilidade. *Incorporando* essa lógica, o pensamento racional/esclarecido não conseguiu fazer jus a sua promessa de felicidade: tirar os homens da menoridade, afastá-los do medo e inseri-los na luz, na autonomia (KANT, 1985).

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre um objetivo de livrar os seres humanos do medo e de investi-los na posição de senhores (...). O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19).

Diferente do prometido, o *esclarecimento* – em sua faceta predominante na sociedade moderna – tornou-se mitológico, carregado de agentes de barbárie. No interior dessa predominância, o que há tempos presenciamos na história é a produção incessante de um modo de vida degradante, cada vez mais insipiente, insensato e regressivo, ressaltando momentos de horror extremo, como por exemplo, aqueles engendrados pelo nazismo e fascismo, por Hiroshima e Nagasaki, pela violência no Rio de Janeiro e São Paulo – assim como em outras capitais do mundo – pelas guerras, pelas ditaduras, pela miséria e genocídio permanentes na África, pelo tráfico de drogas, entre tantas outras manifestações de barbárie, em maior ou menor escala. Esse modo de vida é resultado da transformação do esclarecimento tão sonhado e almejado pelo homem, em algo puramente instrumental, voltado para a dominação, para o poder, para o lucro.

A humanidade, para salvar-se dessa situação, precisa voltar-se a uma exigência ética: cobrar da razão sua promessa de felicidade não cumprida. A razão precisa urgentemente realizar uma reflexão crítica sobre si mesma.

A dialética do esclarecimento é ponto central para refletir sobre a vida humana, também em sua configuração atual. No entanto, além dela, para refletirmos sobre a vida prejudicada no contexto do capitalismo tardio, pretendemos debruçar nossos esforços teóricos sobre alguns produtos, ramificações, detalhes advindos dessa dialética: a ambigüidade da cultura, incluindo-se aí a cultura corporal, que produz e/ou reforça determinadas formas de pensar e de agir, o binômio formação e práxis – presença do homem no mundo. Como parte integrante do âmbito cultural, as manifestações da cultura corporal podem revelar ambigüidades, cisões, sem-sentido e impasses, embutindo num contexto de preocupações também a Educação Física.

No interior da dialética do esclarecimento, a cultura de modo geral, sob a influência da absolutização da racionalidade humana em seu sentido perverso e mitológico, foi assaltada também por uma ambigüidade.

No entanto, não apenas uma ambigüidade proveitosa, ou seja, um *movimento* dialético entre esclarecimento e irracionalidade, autonomia e heteronomia, matéria e espírito, mas uma ambigüidade indigna, pois hipostasiada, endurecida em seu momento de mera adaptação. Adorno, nos ensaios *Teoria da semicultura* e *Cultura e civilização*, discute de maneira singular esse duplo caráter da cultura e sua relação com a construção da formação cultural, da humanidade. Nestes ensaios aponta e analisa um dualismo conceitual perverso imposto à cultura e à civilização, no qual "Cultura" se dirige apenas aos elementos espirituais da manifestação humana, enquanto "Civilização", em outro pólo, remete ao progresso cultural material/objetivo, designando também o âmbito da sociedade como um todo. (ADORNO, 1973, p. 93).

Aqui, Cultura se converte num fenômeno cindido, dominado, sem tensão entre os momentos materiais e espirituais, de liberdade e adaptação que lhe são imanentes. Nesses termos, o mal estar na cultura¹ se manifesta justamente quando nela é rompido o movimento dialético que possibilita a realização do momento formativo justo, rebaixando-a em mera manipulação como necessidade material pragmática e imediata. Cultura Corporal, por sua vez, pode manifestar-se nesse mesmo "sentido".

Em *Cultura y administración*, Adorno (1966, p. 69) também se refere ao diagnóstico da situação cindida e cruel da cultura: quien habla de cultura habla también de administración. Neste ensaio aponta que nos séculos XIX e XX o momento de administração cultural se intensifica, impregnando de forma quase total o cotidiano dos sujeitos. Isso porque, entre outros aspectos, a vida inserida no modo de produção capitalista voltou-se majoritariamente – e ainda se volta – a uma grande relação de troca injusta, onde quase tudo se torna mensurável, administrável, permutável, consumível em larga escala. Nessa situação, a cultura é produzida, distribuída e apropriada (se padronizando) para fins meramente mercadológicos, aprofundando seu mal estar e, mais uma vez, não sendo apreendida pelos indivíduos para a satisfação de suas necessidades formativas – não como valor de uso – mas apenas como autoconservação na sociedade administrada. "Na linguagem da filosofia, cultura se converteu, satisfeita de si mesma, em valor², portanto, dissociada das coisas humanas." (ADORNO, 1996, p. 389).

Adorno ainda aponta que mesmo as culturas dissonantes, que se rebelam contra o estabelecido parecem ser devoradas pela manipulação

administrativa e mercantilizada inerente ao capitalismo, como se as mesmas representassem “peças raras”, portanto, cobiçáveis. Introdutoriamente, exemplos podem ser indicados na Educação Física não formal, como o oferecimento da prática da yoga, ginástica pilatos, *tai chi chuan*, práticas circenses (esportivizadas) oferecidas em grandes academias e centros de “malhação”, além das ramificação destas culturas corporais “exóticas”, construídas e denominadas/conceituadas para fins meramente comerciais: “Ginástica Zem”, “Power Yoga”, “Tae bo” (mistura de boxe, *tai chi chuan*, caratê e *jiu-jitsu*) etc.

Adorno e Horkheimer (1985), no excuro da *Dialética do esclarecimento* intitulado *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*, indicam alguns processos característicos da sociedade moderna que construíram e intensificaram a reificação quase por completo da Cultura em geral, processos esses que levaram à “coisificação” da cultura a rumos extraordinários:

- a) o desenrolar do progresso tecnológico – que intensificou a divisão social do trabalho e sujeitou ainda mais os indivíduos a regimes trabalhistas isentos de qualquer caráter formativo, mimetizando-os como “apêndice das máquinas” e conferindo aos produtos uma autonomia falsa em relação aos seus produtores e
- b) o surgimento e fortalecimento da *Indústria Cultural* – que estendeu o regime de trabalho alienado à esfera do ócio, o caráter de fetiche da mercadoria para o âmbito cultural, conferindo à cultura a tarefa oculta de resignação, de puro entretenimento, de não reflexão, de integração social generalizada.

Ao longo da história, no âmbito de sua imanência, ambigüidade e historicidade, Cultura tornou-se caminho para a emancipação humana, mas, também, converteu-se em seu contrário: a formação cultural indigna, prejudicada, que possibilita e amplifica a barbárie. É por meio desse segundo momento que a cultura danificada dirige a subjetividade dos indivíduos produzindo necessidades que lhes são alheias e supérfluas, criando a nova forma de sujeição do sujeito: a Semiformação Cultural³ (falsa e prejudicada formação).

Ao longo de sua obra, Adorno vai pensar e repensar *o momento de apropriação da cultura danificada pelos indivíduos*, que resulta, em grande medida, na forja das diversas perspectivas de formação cultural a partir das experiências vividas. Em especial, vai justamente

refletir sobre um dos produtos (que também é mediação) da dialética do esclarecimento e da danificação da cultura: a *formação cultural perversa, nociva – a Semiformação*.

O ensaio *Teoria da semicultura* (ADORNO, 1996) ressalta com excelência que a Semiformação não se caracteriza como um déficit de cultura ou uma formação que carece de conteúdos culturais – como se o sujeito precisasse do fornecimento de cultura para resolver o problema de sua formação. Pelo contrário, a Semiformação é aquela que carrega/apresenta um sentido formativo prejudicado, distorcido, adulterado – falsificado. Ela advém de uma má formação, de más experiências com a cultura e a realidade. Não se caracteriza como uma formação não suficiente, antecessora da ‘boa’ formação, mas como produto de experiências desinteressantes do ponto de vista humanístico, da má experiência, da experiência danificada. Em análise de Pucci (1998), a Semiformação ganha semelhante e interessante interpretação: com a universalização do mercado, a Semiformação Cultural se diferencia de uma simples não-cultura, de um simples não-saber na medida em que o portador de um ‘não-saber’ pode se dispor a um ‘vir-a-saber’; ainda pode, por força do ceticismo e da ironia, reverter essa situação para uma possível consciência crítica. De forma diferente, o saber em seu sentido inadequado (a Semiformação) se caracteriza como um bloqueio ao proveitoso saber. Quem pensa que conhece, não busca o verdadeiro conhecimento; quem carrega consigo o ‘semiconhecimento’ se isenta da busca por verdadeiras experiências formativas.

O entendido e experimentado medianamente – semi-entendido e semi-experimentado – não constitui o grau elementar da formação, e sim seu inimigo mortal. (...) Elementos formativos inassimilados fortalecem a reificação da consciência que deveria dignamente ser extirpada pela formação. (ADORNO, 1996, p. 402).

O processo de *Semiformação cultural* possibilita a manutenção de uma realidade desumana no momento em que inibe e neutraliza as experiências formativas a serem realizadas pelos sujeitos. Isso permite visualizar aquilo que Adorno (1996) chamou de *bloqueio à ‘experiência formativa digna’ - à Erfahrung*, que, por sua vez, desestimula a reflexão, prejudica o entendimento dos fenômenos, deforma a interação social, recalca a memória, possibilita uma relação ingênua e condescendente com a vida transformada em barbárie. Outro ponto desse contexto cruel é a superficialidade com que a vida é

vivenciada, na qual a ideologia se coloca como primeira e última instância de visibilidade dos indivíduos e a essência das coisas, as configurações internas dos fenômenos são descartadas, vilipendiadas, pois não há tempo nem condições humanas suficientes para estabelecer uma relação enriquecedora com a dinâmica social, compreendendo-a e não apenas “passando” por ela. A vida vai se tornando elemento simplista, uma passagem, uma verdadeira *Erlebnis*.

Nessa construção perversa, os momentos de formação crítica e digna vão se escoando pelos ralos da história e a realidade obscura vai construindo e desenvolvendo, novamente, formas de culturas (também corporais) prejudicadas. Cultura é, portanto, produto da realidade e da racionalidade humana, mas também é elemento produtor de subjetividade/formação, de realidades – e aqui ela também é mediação. O que enxergamos é um círculo vicioso que mantém a reprodução do modo de vida repleto de sofrimento.

Sendo mediação e fim, cultura (danificada) lança-se para o caminho da dominação não só objetiva, mas, sobretudo, subjetiva. Esta última se torna também uma dominação objetiva no momento que se alia à força política no capitalismo tardio para a manutenção das relações vigentes. É por esse e outros motivos que Adorno (1995), no ensaio *Educação após Auschwitz* (1995), vai destacar a possibilidade de se modificar não só as condições objetivas (já que a transformação destas tornou-se por demais dificultada) mas também as condições subjetivas que mantém a sociedade no horror. Seria aquilo que ele chamou de *volta ao sujeito*. Isso porque a ambigüidade/dialética nunca fugiu aos fenômenos *Cultura e Formação Cultural*, configurando possibilidades de redenção também pelos caminhos da subjetividade, aliada ao caminho objetivo.

Aqui se dá o fulcro de nossas reflexões: se as práticas e pedagogias corporais construídas pelo homem são parte indissociável do âmbito da cultura, os mecanismos de danificação da cultura e da formação cultural dos sujeitos tem chances de recair com força e amplitude no âmbito da **Cultura corporal**. Assim, pensar as manifestações desta última à luz das reflexões frankfurtianas, ao nosso ver, torna-se uma importante contribuição para a área de Educação/Educação Física e para a compreensão da sociedade atual.

Baseados no arcabouço teórico até aqui mencionado, podemos pensar que determinados modos de tratar o corpo (próprio e alheio) também possibilitam, entre outros fatores, momentos diversos e antagônicos de formação cultural: tanto no sentido da construção da *Bildung* - de uma

formação cultural justa - como no sentido de uma formação cultural prejudicada, que permite engendrar caminhos para Auschwitz - para a regressão socializada. Quando falamos em “caminhos para Auschwitz” estamos nos referindo ao nascedouro e/ou manutenção de condições objetivas e subjetivas capazes de produzir o fascismo, como o estímulo à frieza, à insensibilidade, à falta de reflexão e auto-reflexão crítica, à naturalização da história, dos modos desumanos de trabalho, de sobrevivência material, de relações humanas etc.

3 A dialética do esclarecimento e seus produtos (parte II): as ingerências sobre o corpo e a lógica do sofrimento/sacrifício

Fazer falar o emudecido.
(CONH, 1994).

Vimos que a *Semiformação* torna-se um dos principais inimigos para a formação cultural digna e para o estabelecimento de relações individuais e coletivas justas e éticas. Se ao falar de Formação/Educação não podemos isentar o componente somático/sensível – o momento corpóreo, corpo – então a semiformação também se torna influenciadora das questões inerentes a este último e às relações com ele estabelecidas.

Adorno afirma que para a desbarbarização da vida é preciso combater e refletir criticamente sobre a própria racionalidade humana hipostasiada em seu caráter instrumental e seus produtos, destacando a Semiformação Cultural. Mas é justamente no contexto da ambigüidade da relação estabelecida com o corpo no decorrer da história que tentaremos penetrar para refletir acerca do sentido atual tomado pelo corpo moderno e, conseqüentemente e posteriormente, pelas culturas corporais: práticas e pedagogias corporais contemporâneas, bem como suas ingerências sobre a (re)produção de um mundo deformado. Para isso é necessário uma retrospectiva do papel assumido pelo corpo na história no que se refere à formação do sujeito emancipado.

No interior dos processos de construção da subjetividade moderna e de danificação da cultura e formação cultural (acima descritos), as relações que o homem estabeleceu com seu corpo – detalhe imprescindível para compreender a sociedade e a história – parece também não ter permitido (e até mesmo bloqueado de maneira ímpar) a

construção de uma vida digna, em geral, e de uma formação interessante e verdadeira (*Bildung*), em particular.

De fato, alguns estudos clássicos e outros contemporâneos apontam para tal reflexão.

As obras dos pensadores frankfurtianos referentes ao processo de constituição da racionalidade moderna⁴ apontam indícios – mesmo que algumas vezes de forma oculta e não intencional – da subjugação e sacrifício do corpo em favor de uma racionalidade absoluta e instrumental. Dão brechas para pensar *a tese* de que o corpo realmente permaneceu, em grande medida, em um plano inferior e doloroso para dar caminho ao desenvolvimento de uma racionalidade totalmente racionalizada e subjetiva e, nesse sentido, perversa.

Em especial, a obra *Dialética do esclarecimento* (1985) revela sutilmente em toda sua extensão a tese acima mencionada, com destaque para o primeiro excursus *Ulisses ou Mito e esclarecimento*, que desenvolve com maestria a formação da subjetividade esclarecida em Ulisses (o protótipo do indivíduo burguês) no caminho de volta para Ítaca, onde se dá o enfrentamento do mito e domínio da natureza.

No entanto, advertimos: na *Dialética do esclarecimento* os pontos reflexivos sobre o papel e relação do corpo no interior do processo de construção da história e da racionalidade se apresentam de difícil percepção e compreensão, sendo preciso se debruçar com atenção e sensibilidade na leitura e compreensão do discurso ali construído.

Vaz (1999a, 1999b, 2000, 2001a, 2001b) analisou de maneira profunda e pormenorizada em vários estudos incluindo tese de doutorado defendida na Alemanha – reflexões sobre o corpo inseridas no pensamento de Theodor Adorno (na *Dialética do esclarecimento* e nos volumes de sua obra completa, ainda não traduzidas e editadas por completo no Brasil) e suas possíveis relações com a história moderna e seus produtos, como por exemplo, o Esporte.

Nesses estudos Vaz revela que, de fato, *a relação indigna com o corpo* já está presente/embutida no projeto imemorial de domínio da natureza a partir do percurso que vai do mito ao esclarecimento. Indica que, nesse processo, o sujeito acaba dominando, pela força e pela malícia, não apenas a natureza externa, mas também aquilo que de natureza há nele: seu próprio corpo. Pelo viés desse domínio corporal, o percurso se dá por um caráter sacrificial para permitir que a racionalidade seja capaz de ven-

cer qualquer desafio, nem que para isso seja preciso renegar (e alienar-se de) sua própria constituição fundamental: o momento somático.

... a forja do sujeito está associada ao sacrifício de parte de si mesmo, daquilo que é mais vivo, pelo mecanismo da renúncia à satisfação imediata e ilimitada das pulsões. Em outras palavras, pelo controle do corpo e seus perigos. (VAZ, 1999b, p. 98)

Se no processo de combate ao mito e domínio da natureza é preciso dominar esta última (ora pela força, ora pela malícia) para que o sujeito sobreviva e se enrijeça contra os perigos imposto por ela (natureza externa), o corpo, que é natureza interna, é tomado também como um “objeto/coisa” a ser dominado – mesmo porque, para o homem “esclarecido”, as pulsões, instintos e sentidos corporais representam uma ameaça/perigo à construção de sua racionalidade. Aqui se revela todo poder endereçado ao corpo – expressão mais íntima e sensível do homem – por uma determinada perspectiva de racionalidade, de cultura. Adorno e Horkheimer (1985, p. 217) foram primorosos ao revelar essa condição numa das notas de trabalho da *Dialética do esclarecimento*: “é só a cultura que conhece o corpo como coisa que se pode possuir; foi só nela que ele se distinguiu do espírito, quintessência do poder e do comando, como objeto, coisa morta, ‘corpus’”

Vaz (2001a, p. 45) discute esse aspecto com minuciosidade e menciona: “um dos vetores mais importantes da contínua luta de Ulisses para se constituir como sujeito esclarecido e autônomo é o domínio e a **vitimação** do próprio corpo, cuja força deve ser dominada, adestrada, porque desejosa e perigosa.”

No excurso I da *Dialética do esclarecimento*, podemos perceber que além de reprimir/violentar/dominar o próprio corpo, Ulisses (o homem esclarecido) ainda manipula e vitima e controla os corpos de seus companheiros de viagem. Isso é notado mais claramente no *Canto das sereias*, da *Odisséia*, de Homero, tão bem apreciada criticamente nesse excurso I. Nesse trecho analítico específico e na obra como um todo – destacando também o capítulo sobre o *anti-semitismo* – podemos visualizar que o sujeito em formação, ao ser duro consigo mesmo, sente-se à vontade para ser duro com os corpos alheios, possibilitando, dando voz a atos violentos não apenas no âmbito individual, mas também coletivo.

Tais “detalhes” possibilitam enxergar uma relação equivocada com o corpo construída pelo homem no decorrer dos tempos – intimamente

concatenada com o sofrimento/sacrifício e desprezadora das pulsões de vida. Esta relação danificada aumenta na medida em que o conhecimento instrumental avança (o tal progresso tecnológico, científico, racional, festejado por muitos) e vice versa. Ainda podemos dizer que se trata singularmente de uma racionalidade construída e desenvolvida com base na dominação e no sofrimento corporal (na repressão das pulsões de vida e sensibilidades humanas) de toda e qualquer espécie. Como colocam Adorno e Horkheimer (1985, p. 159): “a racionalidade ligada à dominação está ela própria na base do sofrimento.”

De fato, no Aforismo da *Dialética negativa* (ADORNO, s.d. - a) intitulado “*O sofrimento é físico*”, fica evidenciado que a dimensão corporal atravessa e faz parte fundamental e idiossincrática do processo de formação dos indivíduos como um todo. Ainda, que esta dimensão e relação com o corpo não esteve presente no processo de constituição dos sujeitos de maneira sadia e justa, mas sim carregada de marcas evidentes de dor, de castigo, de desprezo, de brutalidade, de irracionalidade e, também, de clandestinidade, ofuscamento.

Nesse aforismo, Adorno expõe outro aspecto importantíssimo (inclusive de esperança e redenção diante de um mundo infeliz): a dimensão sensível/corpórea se mantém como uma força negativa capaz de dar voz ao sofrimento humano. No interior do processo de conhecer, de se formar perante a mediação com a cultura e com a sociedade em geral, o corpo se coloca como capaz de gritar, de alertar contra toda dor e miséria produzida pelos “progressos” históricos engendrados por uma dada racionalidade/conhecimento.

No conhecimento sobrevive ele [o corpo] como sua inquietude que o põe em movimento e se reproduz insatisfeita em seu progresso”. (...) “o momento corpóreo transmite o conhecimento de que o sofrimento não precisa existir, de que deve ser transformado. (ADORNO, [19-?]a).

Até aqui somos capazes de perceber a aguda domesticação e sofrimento corporal em relação à constituição do homem “esclarecido”. O que também se evidencia em linhas gerais é a ambigüidade da relação estabelecida com o corpo no decorrer da história, onde esta poderia remeter a uma relação digna, mas que, no entanto, permaneceu numa relação antiética, anti-humana onde “o amor-ódio pelo corpo impregna toda a cultura moderna.” (ADORNO HORKHEIMER, 1985, p. 217). Novamente na *Dialética do esclarecimento*

Adorno e Horkheimer (1985, p. 217, grifo do autor) dão o tom desta ambigüidade e dominação cruel quando afirmam que o corpo “é escarnecido e repellido como algo inferior e **escravizado, e, ao mesmo tempo, desejado** como o proibido, reificado, alienado.” Entrementes, é complexo, digamos, desesperadamente complexo, enxergar todo sofrimento, sobretudo físico, que vive no processo de formação das subjetividades modernas e burguesas. No capitalismo tardio o sofrimento é naturalizado⁵ e a não percepção dele no interior do processo de formação permite a quase impossibilidade do aparecimento de relações dignas com o corpo e de transformação social. Enquanto tal sofrimento não for, pelo menos, reconhecido pelos sujeitos da história – retirado do seu subterrâneo – a crueldade embutida neste processo permanecerá espalhando a lógica **cega** e dolorosa em que “vivemos”. O sofrimento, de qualquer natureza, é injustificável. Mas dentro da lógica do processo civilizatório moderno ele acaba sendo cada vez mais recalcado, internalizado, brutalmente silenciado, suportado, mantido, permitido – e até mesmo sacralizado.

Podemos notar isso no âmbito das culturas corporais estabelecidas na atualidade, com destaque para o esporte de alto rendimento e de competição (exacerbados, disseminados e fortalecidos pela Indústria Cultural), onde o sofrimento e a dor corporal são “alegremente” recompensados, permitidos, assistidos, vivenciados, muitas vezes, com paixão, em detrimento de recordes, marcas olímpicas, status, lucro. A dor humana – e a dor corporal talvez seja a mais visível e talvez a mais injustificável – acaba sendo substituída pelo logro da consciência feliz, da positividade, que tornam tanto as possibilidades de relações corporais dignas, quanto do acesso ao prazer e à felicidade, meras incógnitas.

Na relação do indivíduo com o corpo, o seu e o de outrem, a irracionalidade e a injustiça da dominação reaparecem como crueldade, que está tão afastada de uma relação compreensiva e de uma reflexão feliz, quanto a dominação relativamente à liberdade. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 217).

Outro ponto a se pensar é a ambigüidade da própria dor corporal no processo de forja da racionalidade/formação humana. Esta dor ao mesmo tempo em que é desumana, carrega em si a negatividade necessária à transformação da sociedade vigente e ao aparecimento de momentos de esperança e de denúncia da barbárie. Dar voz à amargura, à agonia e a dor do mundo; rebelar-se contra ela, denunciá-la, é colocar-se a favor

de toda história de felicidade que ainda não existiu, ao mesmo tempo que silenciar perante ela é colocar-se do lado da barbárie. Nomear-se totalmente feliz e negar os gemidos de dor ecoados por todos os lados da história, desde longa data, é enganar-se e embrutecer-se contra qualquer possibilidade de vida reta. Adorno (1993, p. 53-44) coloca, com força e sensibilidade, este ponto de reflexão no momento em que afirma que “o esquema da capacidade de ter prazer é a persuasão de que não ouve (...) os gritos de dor das vítimas.” E, ainda, que “a necessidade de emprestar uma voz ao sofrer é a condição de toda a verdade”, “se a dor fala, extingue-se.” (ADORNO, [19-?]a).

No nosso modo de entender, o que se apresenta em relação ao corpo é um processo de eterno *logro* para privilegiar um tipo de racionalidade que está acima dos homens, de seus sentimentos, da felicidade. A relação digna com o corpo permanece na obscuridade, é permanentemente recalcada, perdendo chances de contribuir à formação de relações humanas verdadeiramente justas. A relação digna com o corpo é continuamente e perversamente malograda, esquecida, destituída de importância humanística, ética. O corpo permanece adormecido no que diz respeito as suas potencialidades emancipatorias, suas possibilidades de reconciliação, reduzindo-se a uma fungibilidade inacreditável. O sofrimento, a dor, as pulsões de morte são freqüentemente colocados no “palco somático”, no entanto, atrás das cortinas, enquanto, diante da platéia, é encenado o eterno espetáculo da ciência, do lucro, do consumismo, da razão instrumental, da infelicidade da vida, travestidos com a fantasia da beleza e da alegria.

Portador de uma história subterrânea que não viveu (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), ao corpo é imposto seu emudecimento, seu recalque, seu embrutecimento de forma cada vez mais forte e insana. Vaz (2001b,142-143) remete a uma interpretação vigorosa, no entanto sensível, deste aspecto:

A idéia de logro, de perda, de mal-estar já desde logo colocada como decorrência necessária à civilização, não só impede uma possível reconciliação com o próprio corpo, como faz com que o governo da pulsão de morte permaneça, na melhor das hipóteses, à espreita.

Mais ainda, para nós, esse processo de subjugação do ser humano a uma lógica cega de sacrifício e dor, privilegiador do lucro em detrimento da felicidade, se constitui como um ponto interno e idiossincrático do

processo de *Semiformação Cultural* – processo esse que macula o homem perante as possibilidades de vida sã, verdadeira.

4 Epílogo – Corpo e cultura corporal... Semiformação e sofrimento

O controle do corpo é, em um primeiro momento, o objeto e a vítima preferencial da civilização, cuja história pode ser lida nos anais do crescente processo de controle daquele, e pelo desenvolvimento das técnicas que medeiam esse domínio. O mundo contemporâneo desenvolve uma série de conhecimentos, técnicas e discursos que aparecem não só como operadores, mas também como legitimadores do controle do corpo. (VAZ, 1999b, p. 92).

Neste pequeno espaço de reflexão tentamos apenas apontar e abordar algumas contribuições da *Escola de Frankfurt/Teoria Crítica da Sociedade* para pensarmos e repensarmos o corpo na história e, conseqüente e posteriormente, as diversas e variadas formas de se lidar, controlar e educar o corpo na atualidade, entre elas, o “mundo encantado” das culturas corporais comercializadas.

À luz da *Teoria Crítica* e dos estudos de Alexandre Fernandez Vaz, entre outros citados na área da Educação Física brasileira, percebemos que *as relações estabelecidas entre Corpo e Racionalidade* (que é produto e mediação no interior da dialética do esclarecimento) ratificaram ao longo da história a decadência quase total da corporeidade-subjetividade, ou melhor, do homem, expressa, entre outras instâncias, no estabelecimento e reprodução do sacrifício corporal, na disseminação da dor/sofrimento, na superação dos limites a qualquer custo, na hipostasia do “absolutamente racional”, na mecanização/tecnificação do corpo em detrimento da expressão livre, na repulsa ao diferente, na padronização de modelos estéticos únicos e rígidos, na estandardização de movimentos e gestos corporais-culturais, no desrespeito com o corpo alheio, no entretenimento regressivo, nas atitudes sociais e individuais sem sentido e com sentidos invertidos, na repressão/inviabilidade de possibilidades diferentes de relação com o mundo e com os sujeitos (como, por exemplo, a perspectiva ecológica⁶), no recalque da sensibilidade, na produção e reforço da frieza burguesa e do ódio, no logro e malogro de si mesmo.

Vaz (2001b, p. 142) menciona a evidência e, de certa forma, predominância, desse contexto de ódio empreendido pelo homem a si mesmo:

Se a civilização destina ao corpo reificado sentimentos paradoxais, e o amor pelo corpo permanece modernamente enquanto promessa de realização, mediado pela aparência no contexto da Indústria Cultural, o ódio por ele evidencia-se com mais clareza.

Para nós, diante do arcabouço teórico desenvolvido aqui, os questionamentos no início esboçados se tornaram, no mínimo, interessantes e factíveis de aprofundamentos. Isso porque, ao longo deste artigo, foi possível perceber que o corpo é elemento imanente (necessário e indispensável) à formação da racionalidade/subjetividade – do sujeito e sua formação cultural. Ainda porque as relações estabelecidas com o corpo no decorrer da história, desde há muito, estão atreladas à dor, ao sofrimento, ao sacrifício, ao logro, à regressão, dando voz a *Semiformação*. Nesse sentido, as práticas e pedagogias corporais, em particular, podem estar impregnadas dessa mesma lógica

Diante dessa lógica, torna-se quase impossível não perceber na história determinadas concepções de corpo e de cultura corporal, bem como de atitudes humanas em geral, elaboradas a partir da racionalidade instrumental doentia gestada no **processo unificado, simbiótico, quase uno, entre corpo e razão**.

Ao fazermos uma retrospectiva dos fatos históricos produzidos pelo homem, inclusive com o aval da ciência e da religião, não é difícil enxergarmos variações do processo de vitimação do corpo atrelados à “racionalidade danificada”, onde este foi constantemente torturado, vilipendiado, manipulado, ferido, espancado pelas mais diversas ações, contextos e pretextos: campos de concentração, fome no nordeste brasileiro, escravidão dos negros, aculturação dos índios, ditadura militar, experiências em laboratórios, trabalho infantil, inquisições religiosas. Com a passagem dos tempos, este processo de dominação e sacrifício do corpo passou a ser cada vez mais forte e intenso, pois, como coloca Denise Sant’anna (1999), em diferentes momentos da história, a dimensão corporal também se colocou numa perspectiva, mesmo que mínima, de libertação, como, por exemplo, em meados e final da década de 1960, cujo lema era a liberdade em suas mais variadas manifestações – sexual, expressiva, comportamental, intelectual – havendo, em um certo sen-

tido, a necessidade de dominar o corpo novamente e cada vez mais. Um exemplo paradigmático é a ditadura militar no Brasil, sobretudo o DOPS.

Ana Márcia Silva, em seus estudos sobre o conjunto “corpo, mercado, ciência e paradigmas corporais” revela também a força das imposições e relações estabelecidas entre a racionalidade integrada à lógicas perversas – mercantis, científico-instrumentais – e os olhares e intervenções sobre o corpo.

A racionalidade restrita que predomina na ciência é a mesma que predomina na economia de mercado, nos meios de comunicação e na cultura de massas e está presente em outras instâncias da atividade humana. Essa racionalidade, em seu aspecto que se tornou central na racionalidade humana, é subjacente ao capital e predomina na ciência tradicional, e vai fundamentar expectativas de corpo tão diversas; o culto ao corpo e o corpo em definhamento se encontram na mesma lógica: a tecnociência que produz o primeiro, amparada pelo mercado, traz o outro como consequência. (SILVA, 1999b, p. 52-57).

No que diz respeito à Educação Física, no capitalismo tardio presenciaremos uma série de manifestações da cultura corporal que nascem, se reforçam ou ganham legitimidade porque atreladas a essa racionalidade perversa instrumental. No século XIX temos como exemplo a vertente oficial da ginástica francesa – revisitada por Carmen L. Soares. No século XX, o treinamento esportivo de alto rendimento e de competição – focado em estudos de Vaz (1999b), e ainda algumas atividades físicas referendadas pelas concepções de corpo e de saúde inerentes à biomedicina e à medicina desportiva – apontadas por Ana Márcia Silva.

Num recorte histórico mais atual, percebemos algumas formas de exercitar o corpo no âmbito da Educação Física não-formal na década de 1990 (particularmente nas academias de ginásticas, com seus diversos e intensos modismos em relação ao exercício corporal/atividade física) que parecem paradigmáticas da lógica do sacrifício, da não reflexão, do bloqueio e/ou empobrecimento da experiência formativa, da Semiformação. Podemos, introdutoriamente, citar algumas delas: *Body Combat*, *Body Attack*, *Body Pump*, *Body Balance*, *Aero boxe*, *Fit Box*, entre outros. Os quatro primeiros constituem aquilo que os seus idealizadores denominaram de *Body Systems*. Ao nosso ver, as práticas corporais integrantes dos *Body Systems* – disseminadas de forma avassaladora e padronizada

nas academias de ginásticas em mais de 47 países do mundo, inclusive no Brasil – parecem pontos marcantes e integrantes da lógica do sacrifício/sofrimento (não somente físico), exposto neste trabalho. No entanto, as reflexões sobre os *Body Systems* serão realizadas/aprofundadas por nós em outro momento, pois requerem tempo de reflexão apropriado para que sejam gestadas com o cuidado, o esmero e a atenção que merecem.

Neste ínterim, o trato com o corpo parece ter sido (e ainda ser), nos interstícios da história da modernidade, produto e produtor de um modo de vida corrompido – carente de sentido ético e humano – repleto de barbárie.

Mas, infelizmente, enganar a consciência e a própria percepção acerca desta dura relação/convívio com o corpo e a cultura corporal tem se constituído como regra básica. Isso leva a perceber o quão equivocados estão os sujeitos pois, como lembra Walter Benjamin: "enquanto houver um mendigo, haverá o mito." (ADORNO, 1992). O que presenciamos na história é justamente esse tipo de surdez e cegueira diante da dor e da miséria, que se transforma numa constante violência contra todos nós. Essa violência acaba, hora ou outra, extravasando em horror, quer seja no recalque da memória acerca da barbárie produzida pelo homem, na produção de subjetividades vazias de qualquer auto-reflexão crítica ou na manipulação e morte de milhares de sujeitos. Talvez isso se constitua como um tipo de autoconservação, mesmo que incongruente e deformado, ao mesmo tempo em que representa também ação inconsciente contra o sofrimento.

Nesse sentido, talvez a consciência infeliz, o *espanto/susto* diante da mínima dor e do mínimo sofrimento corporal se constitua como um dos últimos baluartes da dignidade humana. Só por poder conservar tal espanto, indignação e consciência infeliz diante da dor e da miséria humana, o humano se torna capaz de salvar-se da infelicidade que projetou sobre si. Lembrar e pensar negativamente o momento corpóreo tornou-se uma das condições para que aquilo que foi diminuído, ou seja, a relação digna com o corpo, seja incansavelmente procurado e construído. Sobre isso, vale lembrar a singular frase de Adorno (1993, p. 20), nas *Mínima moralia*: "É com o sofrimento dos homens que se deve ser solidário. O menor passo no sentido de diverti-lo é um passo para enrijecer o sofrimento"

Mesmo que pensar a relação que o sujeito mantém como o corpo próprio e alheio na história e na atualidade constitua uma incongruência e uma ousadia em nossa sociedade (pois esta necessita expulsar as possibi-

lidades de esclarecimento, autonomia, crítica, reflexão), como fugir a isso se a própria dimensão sensível/corporal sempre esteve presente na construção da humanidade, em geral, e na própria constituição/formação dos sujeitos, em particular? Mesmo considerando que a dimensão corpórea no capitalismo tardio esteve dominada, deturpada e submetida as mais duras servidões e retaliações, a relação que o homem estabelece com seu e outros corpos não pode deixar de ser uma das questões primordiais para o estabelecimento de caminhos para uma outra sociedade. Trata-se mesmo de uma exigência ética colocar este tipo de reflexão numa constelação de pensamento que prime pela dignidade dos indivíduos.

Fazer com que o processo de formação dos sujeitos se institua de forma diferente – se transforme qualitativamente – é exigência ética para com a vida reta. **Pensar** sobre essa possível e diferente formação, sobretudo na dimensão corporal, também o é. Que esse salto possa ser construído e que traga à luz uma (outra) figura humana que estabeleça o respeito e humildade para com o objeto de maneira construtiva e revolucionária.

Notas

- 1 Termo utilizado por Freud no clássico texto *O mal estar na cultura*.
- 2 “Valor” no sentido mercantil e não no sentido moral e/ou ético.
- 3 Termo cunhado por Adorno para representar uma "falsa formação", uma "formação danificada".
- 4 Dentre elas destacamos a *Dialética do esclarecimento*, de Theodor Adorno e Max Horkheimer, *Eclipse da razão*, de Max Horkheimer e *Eros e civilização*, de Herbert Marcuse.
- 5 A esse respeito e sobre a naturalização dos fatos históricos ver Adorno, ([19-?] b).
- 6 Para aprofundar este ponto de reflexão, ver último capítulo do livro de Ana Márcia Silva (2001).

Referências

- ADORNO, Theodor. W. Cultura y administración. In: ADORNO, Theodor. W.; HORKHEIMER, Max. *Sociológica*. Tradução de Victor Sanches de Zavala. Madrid: Taurus, 1966.
- _____. Cultura e Civilização. In: ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, W. *Temas básicos de sociologia*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 93-104.
- _____. *Mínima moralia*. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1993. p. 53-54.
- _____. *Educação após Auschwitz*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- _____. Teoria da Semicultura. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira; Bruno Pucci; Claudia Abreu de Moura. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano 17, n. 56, p. 388-411, dez.1996.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- CONH, Gabriel. *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 54), p. 92-99.
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? In: KANT, Immanuel: *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PUCCI, Bruno. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação. In: PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N.; ZUIN, A. A. S. (Orgs.). *A educação danificada*. Petrópolis: Vozes; São Carlos: Editora da UFSCar, 1998. p. 89-116.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Das razões do culto ao corpo às condutas éticas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, [S.l.], ano 21, n. 1, p. 57-61, set.1999.
- SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. *Cadernos CEDES*, Campinas, v.19, n.48, ago.1999a.
- SILVA, Ana Márcia. A Razão e o corpo do mundo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 21, n. 1, p. 52-57, set.1999b.
- _____. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas: Autores Associados; Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.
- SOARES, Carmen Lucia (Org.). Apresentação. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 19, n. 48, p. 5-6, ago. 1999.

- SOARES, Carmen Lucia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Papyrus, 2000.
- _____. *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- VAZ, Alexandre Fernandez. Dos fenômenos sociais e suas ambigüidades: comentários de Theodor W. Adorno sobre o esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 21, n.1, p. 1183-1190, set. 1999a.
- _____. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 19, n. 48, ago. 1999b.
- _____. Na constelação da destrutividade: o tema do esporte em Theodor W. Adorno e M. Horkheimer. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, 2000.
- _____. Memória e progresso: sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamin. In: SOARES, Carmen, L. *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001a.
- _____. Dominar a natureza, educar o corpo: notas conceituais a partir da mimeses em Theodor W. Adorno. In: GRANDO, J. C. (Org.). *A (des)construção do corpo*. Blumenau: Edifurb, 2001b.
- _____. *Notas sobre mimeses e educação do corpo em Max Horkheimer e Theodor Adorno*. [S.l.: s.n., 19-?].

Rationality, Body and Suffering: The School of Frankfurt Contributions to historically (re)think the body

Abstract

This paper aims to approach the contributions of some classic authors of the Frankfurt School – especially Theodor W. Adorno and Max Horkheimer – in order to rethink the several and varied forms of control and education of the body in modern society. It will discuss the following aspects: 1) the body, even before being a repository of rationality, it is already an indispensable part and influences the whole process of production of rationality and subjectivity, and 2) the manners of educating and exercising the body (and its Pedagogies) not only suffer the influence of human rationality and of the way human beings produce knowledge to supply their needs, but historically and socially build up the modes of dealing with the body. These modes also frame and reinforce different kinds of subjectivity, either dignified or depreciated.

Key words: Adorno, Theodor W.; 1903-1969 - Criticism and interpretation; Body; Social aspects; Frankfurt School; Suffering; Horkheimer, Max.

Racionalidad, cuerpo y sufrimiento: contribuciones de la Escuela de Frankfurt para (re)pensar el cuerpo en la historia

Resumen

El trabajo tiene por objeto abordar algunas contribuciones de las categorías y reflexiones de los autores clásicos de la Escuela de Frankfurt, para que discutamos las siguientes cuestiones: 1) el cuerpo, antes de constituirse en receptor donde la intervención de la racionalidad recae, ya hace parte imprescindible y atraviesa todo el proceso de formación de la racionalidad y de la subjetividad los sujetos; 2) los modos de educar/ ejercitar el cuerpo (y sus pedagogías) no apenas sufren la influencia de la racionalidad humana, de las maneras como los sujetos elaboran sus conocimientos para suplir sus necesidades, mas configuran formas histórico-sociales de manjar el cuerpo que construyen, reforzando ciertos tipos de subjetividad dignas o perjudicadas.

Palabras – clave: Adorno, Theodor W., (1903-1969). - Crítica e interpretación; Cuerpo Humano – Aspectos sociales; Frankfurt, Escuela de; Sufrimiento; Horkheimer, Max, (1895 – 1973), Crítica e interpretación.